

# O MENINO DA CADEIRA DE RODAS E O SACI-PERERÊ

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

Sinopse:

*O livro conta a história de um menino que sofreu um acidente e teve sua perna amputada e o drama de sua família para fazê-lo feliz e ter suas oportunidades na vida. Lúcio percebia a tristeza de sua mãe e procurava esforçar-se no tratamento médico. Porém, ele tinha um bloqueio mental, uma vez que não sentia sua outra perna. Sem problemas neurológicos, o tratamento dependia do rompimento deste bloqueio mental. Isto foi acontecer com o encontro mágico de Lúcio com um famoso personagem de nossa lenda popular. A história desenvolve-se toda através de diálogos extremamente sensíveis, inteligentes, educativo e de grande inspiração.*

João José da Costa



## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Lúcio sempre foi um menino muito esperto e falante. Próximo de completar 7 anos de idade, ele se preparava com muita alegria e entusiasmo para entrar na escola.

Lucas era cadeirante, ou seja, uma pessoa que se locomovia com a ajuda de uma cadeira de rodas. Ele tinha sua perna esquerda amputada. Mas, Lúcio encarava este desafio com muita disposição e ia a todos os lugares sem maiores problemas. Ele gostava de ir aos shoppings, aos parques de diversão, participava de jogos na escola, brincava no computador, apostava corrida com outros meninos.

Mas, o que ele mais gostava mesmo era andar com sua cadeira de rodas nos parques ecológicos da cidade. Lá, ele podia ver os pássaros, as flores e as árvores, correndo com sua cadeira de rodas pelas ruas dos parques.

E a alegria de Lúcio só não era maior em razão de ver a tristeza e preocupação de seus pais com um problema de saúde que ele enfrentava.

E é esta emocionante história de Lúcio que passamos a contar.

Dona Alzira estava, uma vez mais, na clínica médica para mais uma consulta com o Doutor Almeida para o seu querido filho Lúcio, o Lú como costumava chamá-lo.

- Tente, meu filho, tente! Por favor! Insistiu sua mãe.
- Uuuugh!
- Vamos, Lú. Tente novamente! É para o seu bem!
- Uuuugh! Não dá, mãe. Deixe-me assim. Eu estou bem.

Apesar de seus esforços, Lúcio não conseguia fazer todos os movimentos que o médico recomendava e voltava cansado para sua cadeira de rodas.

- Doutor, o que o senhor acha? Perguntou aflita sua mãe.
- Dona Alzira, eu fiz todos os exames em seu filho. Eles mostram que o Lúcio não tem nenhum problema neurológico em sua perna. Não sei, mas parece que ele tem uma espécie de bloqueio mental.
- Como assim, Doutor? Perguntou assustada sua mãe.

- Ele parece ter assumido uma incapacidade de ficar em pé e se apoiar em uma muleta. Isto vai dificultar até mesmo colocar uma prótese em sua perna amputada. Temos que trabalhar isto com fisioterapia e apoio de uma psicóloga infantil.

O diagnóstico do médico preocupou dona Alzira, que esclareceu:

- Doutor, tenho ido a muitos médicos sempre procurando reverter este quadro. Mas, sinto que vai depender muito dele.

- Vou receitar mais sessões de fisioterapia. Procure, também, uma boa psicóloga infantil.

- O senhor conhece alguma?

- Sim, posso indicar uma que já tem feito trabalhos para o consultório. Minha secretária vai lhe passar seu nome e telefone. Boa sorte! Voltamos a nos ver oportunamente.

- Boa tarde, Doutor. Vamos, Lú. Dê boa tarde para o Doutor!

- Boa tarde, Doutor. Respondeu Lú com um ar um pouco desanimado.

- Boa tarde, Lú. Na próxima vez esperamos que você se esforce mais para ficar em pé, certo? Respondeu o Doutor Almeida.

- Vou tentar, Doutor. Vou tentar. Mas, eu me sinto bem assim em minha cadeira de rodas. Respondeu Lú, resignado.

Como acontecia nas consultas anteriores, Dona Alzira voltava triste. Mas, nunca perdia a esperança na recuperação de Lúcio.

No carro, a caminho de casa, os dois conversavam:

- Lú, cuidado! Não abra o cinto de segurança e nem a porta do carro!

- Mãe, a senhora está triste?

- Não, Lú. A mamãe não está triste, a mamãe é triste.

- E qual a diferença entre estar triste e ser triste?

- Ah, Lú. Você tem cada pergunta! Como vou te explicar?

- Tente, mamãe!

- Bem, você está triste quando algo acontece de repente que você não gosta ou te magoa. Mas, depois você fica alegre novamente. E você é triste quando a tristeza não sai do seu coração, está sempre presente.

- E a senhora sempre foi triste? Continuava Lú, tentando uma melhor explicação.

- Sim, Lú, a mamãe sempre foi triste. Agora, deixe-me concentrar neste trânsito maluco de São Paulo.

Dona Alzira procurava esconder a profunda tristeza que sentia ao ver seu filho querido impossibilitado de andar e brincar como qualquer criança.

Lúcio procurou saber com sua avó um pouco mais sobre a tristeza de sua mãe. Sua avó era sua grande conselheira!

- Vovó, quando minha mãe era criança ela era triste?

- Por que você está perguntando isto, Lú?

- Ela era triste ou estava triste?

- E não é a mesma coisa?

- Não, não é não vovó. Você está triste quando algo acontece de repente que você não gosta ou te magoa. Mas, depois você fica alegre novamente. E você é triste quando a tristeza não sai do seu coração, está sempre presente.

E dona Ivone respondia pacientemente:

- Não, Lú. Sua mãe sempre foi uma menina e uma moça muito alegre e feliz.

- E hoje a senhora acha que ela é triste, vovó?

- Bem, de certa forma sim. Ela mudou muito. Hoje eu até diria que ela é uma mulher triste.

- E por que ela é triste, vovó?

- Ah, aconteceram muitas coisas em sua vida. Ela ficou assim desde o dia de seu acidente. Mas, acredito que isto vai passar.

Lúcio teve a confirmação que a tristeza de sua mãe era decorrente de seu problema médico. Ele não queria ver sua querida mãe triste novamente e procurou se esforçar cada vez mais no tratamento médico.

- Mãe, na próxima consulta com o médico eu vou me esforçar bastante para ficar em pé. Eu prometo! Quero que senhora seja alegre e feliz!

- Oh, meu filho. A mamãe está feliz. Eu tenho você, seu pai, seus avós, amigas, uma casa com todo o conforto. A mamãe está feliz.

- Mas, a senhora é triste. Respondia Lúcio, mostrando seu carinho.

- Vai passar, Lú, vai passar. Mas, que bom que você vai se esforçar para ficar em pé na próxima consulta com o médico. Que bom. Viu? A mamãe está contente agora!

Outro dia, mais uma tarde no consultório médico. Dona Alzira a cada dia renovava suas forças e esperanças no tratamento de Lúcio.

- Vamos novamente, Lú. Tente ficar em pé!

- Uuuugh! Uuuugh! Uuuugh!

- Vamos, filho. Você consegue. Tente!

- Uuuugh! Uuuugh! Não consigo, mãe.

- Oh, meu filho! Dá a mão para a mamãe e tente novamente. Vamos?

- Uuuugh! Não dá, mãe. Eu não sinto que tenho uma perna!

O médico interrompeu a consulta e deu um maior alento à mãe de Lúcio.

- Dona Alzira, está bom por hoje. Vamos continuar com a fisioterapia. Dá para notar que a musculatura da perna do Lúcio está mais forte. Isto é muito bom.

- Está bem, Doutor. Amanhã vamos falar com a Psicóloga, Doutora Luciana.

- Que bom! Ela é uma excelente profissional. Lú, você vai gostar da Doutora Luciana. Disse o médico, procurando tranquilizar Lúcio.

Lúcio achou engraçado o nome Luciana:

- Que engraçado, mãe! Eu sou Lúcio, ela Luciana. Podia ser João e Joana, Luiz e Luiza, Antonio e Antonia, Rafael e Rafaela, Pedro e Pedra. Não! Pedra não pode! Disse Lúcio rindo.

Dona Alzira ficava sempre muito feliz quando via Lúcio rir e riu gostoso com ele.

Cada dia de sol, um novo dia esperança. Dona Alzira acordava Lúcio procurando passar para ele o maior entusiasmo.

- Vamos, Lú, acorde! O dia está lindo lá fora. Hoje, vamos conhecer a Doutora Luciana.

Não demorou e ambos estavam diante da simpática e jovem Psicóloga Infantil.

- Dona Alzira, tenho analisado e conversado com o Lúcio por vários dias. Meu sentimento é que o Doutor Almeida está certo quando ele diz que o Lúcio tem um bloqueio mental.

- Como assim, Doutora Luciana? Respondeu dona Alzira, querendo maiores explicações.

- Dá a impressão que ele não sente sua perna direita. É como se ela não existisse para ele. Vamos procurar despertar em sua mente que ele tem uma perna sadia e que pode ficar em pé se quiser.

- Entendo, parece que ele está se esforçando mais para isto.

- Dona Alzira, como ocorreu o acidente? Quis saber a Doutora Luciana.

- Ah, foi um dia muito triste para todos nós. Era a festa de seu aniversário. Ele comemorava seus quatro anos de idade. A casa estava cheia de crianças. Ele ganhou muitos presentes. Um deles, uma bola. Ele não largava a bola de jeito nenhum. E foi atrás desta bola que ele correu para a rua e foi atropelado por um carro. Assim, sua perninha da esquerda teve que ser amputada. Foi terrível.

- Puxa, que triste mesmo. Mas, vamos dar um jeito nisto. Hoje a ciência está muito avançada. Têm próteses que fazem todos os movimentos e têm a aparência de uma perna de verdade.

- Doutora Luciana, como a senhora vai conseguir despertar em Lú esta vontade de ficar em pé e andar?

- Temos muitas maneiras. Uma delas, eu vou sair com Lúcio e visitar alguns centros de reabilitação onde ele poderá ver crianças andando e brincando normalmente com próteses. Com a prótese ele poderá ter uma vida como qualquer criança.

- Bem, vou chamar o Lúcio. Na verdade, ele é um menino tranquilo e feliz em seu mundo.

- Dona Alzira, só mais uma recomendação. Vocês moram em apartamento. Seria bom para o Lucas se vocês morassem em uma casa com quintal grande, próxima da natureza.

- E no que isto pode ajudar, Doutora Luciana? Espantou-se dona Alzira. Ela nunca imaginara mudar de seu confortável apartamento.

E a Doutora Luciana explicou suas razões:

- Bem, eu acredito que ele se sentirá mais motivado para explorar o quintal e, com isto, tentar vencer o seu bloqueio mental. Seu cérebro tem que descobrir que ele tem uma perna e que pode andar.

- Está bem, Doutora Luciana. Vou falar com o meu marido a respeito disto.

Ao sair do consultório, a Doutora Luciana deu um alento para dona Alzira:

- Mamãe, olhe! Não fique preocupada. O problema do Lúcio é psicológico e não neurológico. Isto passará um dia, como um encanto.

Dona Alzira naquela mesma noite falou com o seu marido a respeito das recomendações da Doutora Luciana.

- Querido, a Doutora Luciana está recomendando uma mudança para uma casa com quintal grande.

- Por que, Alzira? Respondeu o pai de Lúcio, surpreso.

- Ela acha que isto poderá ajudar o Lúcio a se sentir mais motivado para explorar o quintal, ter vontade de andar. Enfim, descobrir que ele tem uma perna sadia e que pode andar com ela.

- Bem, querida. Confesso que esta ideia me agrada e muito! Eu já estava cansado de morar em apartamento.

Não demorou muito tempo e o Senhor Armando encontrou uma linda casa térrea, com um grande quintal, vizinha de um parque natural com muitas árvores e animais silvestres.

Lúcio adorou a nova casa. Sempre que podia ele saía para o quintal com a sua cadeira de rodas e se dirigia para perto da mata. Ele estava encantado com tudo o que via nesta nova casa. Em sua vida de apartamento, Lúcio ficava uma boa parte de seu tempo na sala, às vezes ia até a varanda e ficava olhando as crianças brincarem lá fora. Agora, na nova casa, ele podia se movimentar com o seu ‘carrinho’, como chamava sua cadeira de rodas.

- Mamãe, eu vou até aquela mata da cerca de nossa nova casa! Estou gostando muito desta nova casa nossa.

- Vá, filho. Quer que a mamãe vá com você?

- Não precisa mãe. Eu vou sozinho. Eu posso dirigir meu carrinho até lá!

- Está bem, mas daqui a pouco vou levar um suco de laranja para você.

E dona Alzira confirmava com o pai de Lúcio o seu entusiasmo pela nova casa:

- Armando, o Lúcio está outro menino na nova casa. A Doutora Luciana estava certa! Ele brinca, anda com sua cadeira o tempo todo no quintal, toma sol todos os dias. Eu estou muito feliz, também!

- Que bom! A casa é um pouco longe de meu trabalho, mas esta alegria de Lú compensa o sacrifício. Disse o senhor Armando satisfeito com a alegria do Lúcio.

E completou:

- Ele precisa tomar cuidado com cobras e insetos.

- Eu estou atenta para isto. Ontem, ele foi sozinho até a cerca e ficou por horas admirando a mata! Voltou dizendo que ouviu muitos passarinhos e viu até um lagarto correndo.

Lúcio voltava encantado com os sons que ouvia dos animais que viviam na mata.

Mas, um som diferente chamou a atenção de Lúcio naquela tarde e ele contou para dona Alzira:

- Mãe, toda vez que eu vou ver os passarinhos na mata, eu ouço um assobio e vejo o mato se mexer perto de mim. O que será?

- Meu filho, tome cuidado. A mata é lugar de muitos animais. Têm os passarinhos, os gambás, os tatus. Mas, também têm cobras e aranhas. Tome cuidado.

- Eu sei mãe. Mas, o assobio parecia de gente. Eu assobiava para os passarinhos e alguma coisa assobiava de volta para mim. Que gozado!

Dona Alzira não deu muita importância a estes comentários de Lúcio. Mas, algo lhe dizia que devia se preocupar e procurou orientar a empregada da casa:

- Sandra, eu vou sair um pouco para fazer compras no supermercado. Olhe o Lú. Não se descuide dele!

- Pode deixar patroa. Vá com Deus. Respondeu Sandra, já se dirigindo ao quintal à procura de Lúcio.

- Sandra, eu vou até a cerca ver meus amigos. Informou Lúcio com um olhar radiante.

- Vá, Lú, mas cuidado. Qualquer coisa você chama por mim.

Na cerca, próxima da mata, Lúcio descobria, cada vez mais, as maravilhas da natureza:

- Quantos passarinhos nesta época de primavera. Estão todos cantando. E parece que estão namorando. Será que eu consigo imitar o canto deles com o meu assobio?

E foi neste dia que Lúcio teve uma experiência surpreendente. Algo na mata respondia aos seus assobios. E não parecia ser de um animal da floresta ou de uma ave.

- Fiu, fiu. Assobiou Lúcio, iniciando uma ‘conversa’ com os passarinhos.

- Fiu, fiu. Alguém ou um passarinho respondeu na mata!

- Nossa, quem será que respondeu? Não parece passarinho. Pensou Lúcio intrigado.

- Fiu, fiu, fiu. Insistia Lúcio.

- Fiu, fiu, fiu. Respondia o misterioso ser.

- Com certeza, não é passarinho. Este assobio é de outro menino. Mas, o que ele está fazendo na mata? Concluiu Lúcio.

- Fiu, fiu, fiu, fiu. Assobiou Lúcio com maior frequência, ouvindo esta resposta:

- Fiu, fiu, fiu, fiu. Olá!

- Olá! Mas, onde você está? Quem é você? Indagou Lúcio, já um pouco assustado.

- Agora eu estou invisível. Mas, você gostaria de me ver?

- Invisível? Não me faça rir. Sim, eu gostaria de ver você! Respondeu Lúcio com firmeza.

- Então, olhe para trás!

- Oi, como você fez isto? Você estava falando da mata e agora está atrás de minha cadeira de rodas! Mostrou-se surpreso Lúcio

- Eu sou invisível e posso voar como passarinho.

- Você é muito brincalhão! Mas, espere. Por que você se veste assim com este capuz vermelho e pelado? E por que você fuma cachimbo? Não faz mal à saúde? Perguntou Lúcio cheio de curiosidade.

- Não é cachimbo, é pito! Disse o estranho ser.
- Pito para mim é quando minha mãe me dá uma bronca! Disse Lúcio.
- Não, este é outro pito. Explicou seu misterioso amigo.
- E como você faz para soltar fumaça pelos olhos? Indagou Lúcio curioso.
- Ora, eu sou mágico. Acho mais divertido soltar a fumaça do pito pelos olhos!
- Mas, espere. Você não tem pipi e nem bumbum? Estranhou Lúcio.
- Não, eu não preciso deles. Eu não bebo água e não preciso comer nada!
- Mas, então como você vive? Quis saber Lúcio.

Lúcio estava intrigado e não compreendia como uma pessoa podia viver sem beber ou comer alguma coisa. Mas, quem seria este estranho personagem que apareceu na vida de Lúcio?

- Bem, eu vivo da energia da imaginação das pessoas que acreditam que eu existo!
- Como assim? Perguntou Lúcio, querendo mais explicações. Para ele estava acontecendo algo que ele não conseguia entender.
- Ora, quanto maior a imaginação das pessoas, maior a minha energia! Você não acredita que eu existo? Respondeu seu amigo.
- Claro que acredito. Estou até te vendo! Disse Lúcio.
- Então, você está me alimentando!
- Você tem somente três dedos em cada mão. E tem as mãos furadas! Como você é esquisito! Exclamou Lúcio, achando seu amigo muito diferente dos outros meninos.
- Você me acha esquisito? E seu fizer isto?

O novo personagem começou a rodopiar que mal dava para ser visto, levantando até a poeira do chão.

- Meu Deus, como você consegue rodopiar deste jeito? Fez até um redemoinho! Disse Lúcio surpreso.

- Você gostou? Perguntou animado seu amigo.

Antes que Lúcio respondesse ao seu novo amigo, Sandra interrompeu:

- Lú, eu vim te buscar. Sua mãe chegou do supermercado e quer que você entre agora!

Mal chegou em casa e Lúcio se agitava para contar para sua mãe sobre sua descoberta:

- Mãe, hoje eu conheci um amiguinho na mata! Ele é muito divertido! Ele fica invisível, assobia e imita passarinhos muito bem! Ele rodopia como pião!

Sua mãe achou os comentários do Lúcio muito estranhos:

- Lú, Lú, você está vendo coisa. Vamos comer alguma coisa. Temos consulta com a Doutora Luciana em seguida.

E a rotina de Dona Alzira e Lúcio se repetia e, mais uma vez, estavam diante da Doutora Luciana.

- Então, Dona Alzira, como está o nosso Lúcio?

- Bem, Doutora Luciana, com relação àquele problema nada de novo. Mas, o Lú está adorando a casa nova no campo. Ele não sai da cerca que dá para uma mata próxima.

- Ah, isto é bom. Continue com a fisioterapia. Acho que demos um grande passo com esta mudança de residência. Orientava a Doutora Luciana.

- Doutora Luciana, antes de a senhora entrar em sua sala para falar com o Lúcio, eu gostaria de dar uma informação: ele está falando sozinho com um amiguinho que diz morar na mata. Diz que ele é muito divertido, que fica invisível, assobia e imita passarinhos muito bem! Ele até rodopia como pião!

A Doutora Luciana estranhou esta atitude de Lúcio, mas procurou uma explicação:

- Dona Alzira, vamos acompanhar isto. Mas, é normal que crianças que vivem sozinhas, de certa forma presas a uma cadeira de rodas, inventem mentalmente amiguinhos para conversarem. Nada de estranho por enquanto. Mas, como eu disse, continue acompanhando esta situação!

Terminada a consulta, seguiram para a casa e Lúcio não continha sua ansiedade:

- Mãe, a que horas vamos chegar em casa. Eu gostaria de ver meu amiguinho novamente.

Mas, dona Alzira colocou um limite às aspirações de Lúcio:

- Por hoje chega, Lú. Chegando em casa, você vai estudar e exercitar um pouco mais esta sua perninha linda! Depois, você vai dormir! Amanhã será outro dia.

E um novo e lindo dia começava na casa de Lúcio. E dona Alzira falava com Sandra:

- Sandra, que lindo dia! Vamos aproveitar para colocar as roupas para secar ao sol. Onde está o Lú?

- Ah, Dona Alzira. Ele tomou um café rápido e já foi para a cerca. Ele está muito animado em ver os passarinhos!

- Fiu, fiu. Ei, amigo! Chamava Lúcio, já com saudades.

- Fiu, fiu. Bom dia amigo!

- Nossa, como você chegou depressa! Disse Lúcio impressionado.

- Você se esqueceu que eu posso voar e ficar invisível?

- Não, não esqueci não. Confirmou Lúcio.

- Você gostou do meu rodopio?

- Gostei. Nossa, você tem somente uma perna como eu. Você também é aleijado! Perguntou Lúcio, por ver que também faltava uma perna em seu amigo.

- Aleijado? O que isto quer dizer? Respondeu o misterioso personagem, não entendo o sentido da palavra 'aleijado' que ouvia pela primeira vez.

- Ora, quer dizer que você não tem uma das pernas. Tem um defeito físico. Não pode andar, correr, jogar bola, andar de bicicleta. Tem que viver em uma cadeira de rodas como eu. Explicou Lúcio.

- E quem disse para você que eu não posso andar, nem correr. Veja isto!

O estranho amigo de Lúcio deu uma demonstração de agilidade, correndo e pulando de um canto para o outro em grande velocidade.

- Nossa, como você corre depressa pulando com uma perna só! Disse Lúcio espantado.

- Mas, eu nunca tive duas pernas! Eu só tenho uma!

- É, eu também só tenho uma, mas sinto que não tenho nenhuma! Respondeu Lúcio meio desanimado.

- Eu não tenho duas pernas e nunca senti falta disto! Posso fazer o que quiser. Eu corro na floresta, nado nos rios e cachoeiras, ando a cavalo. Não, não sinto que sou este aleijado que você disse!

- Ah, como eu gostaria de ser como você! Lamentou Lúcio.

- E por que não? Você gostaria de ir comigo correr pela mata, nadar nos rios e cachoeiras e até andar a cavalo?

Lúcio esboçou um gesto de levantar-se da cadeira de rodas, mas, antes que Lúcio pudesse responder, Dona Alzira apareceu de surpresa.

- Lú, com quem você estava conversando. Vamos entrar. Está na hora de seu lanche e de seus exercícios. Depois, escola!

- Mas, mãe! Justo agora que eu ia passear com o meu amiguinho!

- Ah, Lú! Exclamou sua mãe com um ar triste.

Dona Alzira lembrou-se do amigo imaginário que a Doutora Luciana falara e se emocionou. E Lúcio lhe perguntou:

- Mãe, por que esta lágrima eu seus olhos?

- Nada, meu filho. Foi um cisco da árvore que caiu em meus olhos. Vamos, amor! Vamos entrar.

Mas, Dona Alzira presenciou a tentativa de Lúcio em levantar-se e se apressou em comunicar ao seu médico por telefone:

- Doutor Almeida!

- Sim!

- Aqui é a Alzira, mãe do Lúcio!

- Oi, Dona Alzira, boa tarde. Como vai o nosso amigo Lúcio?

- Doutor, hoje eu fiquei animada. Quando fui buscar o Lú no quintal eu o vi tentando se levantar sozinho, fazendo um esforço que eu nunca tinha visto antes!

- Mas, isto é muito bom Dona Alzira!

- Ele falava com um amiguinho imaginário e tentava se levantar, como se quisesse andar! Amanhã temos nova consulta, certo?

- Certo, Dona Alzira. Vamos analisar melhor esta boa notícia!

Dona Alzira se preparava para mais uma consulta com o Doutor Almeida. Mas, desta vez ela estava mais animada e esperançosa do que nunca.

- Lú, vá se arrumar. Temos consulta com o Doutor Almeida. Sandra dê uma mão para o Lú.

Finalmente, chegaram ao consultório médico.

- Olá, Lúcio, como vai? Perguntou o médico.

- Vou bem, Doutor Almeida! Respondeu Lúcio com entusiasmo.

- Percebo que você está mais feliz com a casa nova!
- É, estou gostando muito. Eu tenho agora até um amiguinho para brincar todos os dias! Ele é muito divertido, apesar de um pouco estranho!
- Um novo amiguinho, que bom!
- Doutor Almeida, é aquela história que a Doutora Luciana falou com o senhor! Disse dona Alzira, como cochichando um segredo para o doutor Almeida.
- Ah, sim, certo. Lúcio! Vamos tentar levantar um pouco para o doutor ver?
- Tente, meu filho, tente querido! Encorajou sua mãe.
- Uuuugh! Uuuugh! Uuuugh!
- Vamos, Lú. Isto, isto!
- Uuuugh! Não dá mais do que isto, mãe.
- Doutor, o que o senhor acha?
- Achei ótimo. Pela primeira vez ele conseguiu ficar quase em pé. Conseguiu sair do assento da cadeira de rodas por alguns segundos. Isto é um bom sinal. Parabéns, garoto!
- Viu, Lú. Hoje você foi um vencedor. Vamos continuar tentando assim, certo meu bem? Parabenizou dona Alzira.
- Vou tentar mãe. Vou tentar. Agora, vamos para a casa? Fiquei de andar pela mata, nadar nos rios e cachoeiras e andar a cavalo com o meu amiguinho. Replicou Lúcio.
- Certo, mãe, certo. Deixe o Lú ir brincar com o seu amiguinho e até a próxima consulta. Aconselhou o médico.
- Lú, vamos embora então. Não sei se vamos chegar a tempo de você ver o seu amiguinho ainda hoje. Mas, amanhã com certeza.

Ainda não havia amanhecido e Lúcio, ansioso para rever o seu amiguinho perguntava:

- Mãe, que horas são?
- Lú, ainda é cedo. Veja se dorme mais um pouco!
- Não, mãe. Preciso ver meu amigo logo que o sol nascer.
- Lú, a mamãe pode conhecer este seu amiguinho?
- Claro, mãe, quando a senhora quiser. É só a senhora acreditar que ele existe mesmo em sua imaginação. Assim, ele terá mais energia para viver! Explicou Lúcio.

Dona Alzira não entendeu muito esta resposta do Lúcio, mas deixou para lá:

- Lú, não precisa escovar os dentes e tomar este café tão rápido. O seu amiguinho não vai sumir!
- Ah, isto é o que a senhora pensa! Ele some e pode sumir sempre que quiser. Mãe! Estou indo!

E começaram a troca de assobios novamente.

- Fiu, fiu. Iniciou Lúcio.
- Fiu, fiu. Respondeu seu amigo.
- Fiu, fiu, fiu, fiu. Continuou Lúcio, com maior insistência.
- Fiu, fiu, fiu, fiu. Respondeu seu amigo no mesmo tom.
- Até que enfim você apareceu! Disse Lúcio animado.
- Você some mais do que eu. Quando estamos no meio de uma conversa sua mãe faz você desaparecer! Questionou o seu amigo.
- É que eu não posso ficar o dia todo aqui. Tenho que ir a escola, ao médico, à psicóloga. Esclareceu Lúcio.
- Nossa! E para que tudo isto? Aqui na mata não preciso de nada disto! Escola, médico, psicóloga, ... E você ainda diz que eu é que sou esquisito!
- E o nosso passeio pela mata? Não vamos nadar nos rios e cachoeiras e andar a cavalo? Perguntou Lúcio.

- Você quer? Então, levante desta cadeira e vamos!
- Mas, eu não sei andar. Tenho somente uma perna e não consigo ficar em pé! Respondeu Lúcio na expectativa.
- Meu amigo, se você pensar assim, vai ser assim. Mas, se você pensar que pode, vai ser diferente. Vamos, levante desta cadeira! Eu te seguro. Vamos andar abraçados, nadar abraçados e andar a cavalo abraçados. Está bem assim?
- Uuuugh! Uuuugh! Nossa, consegui ficar em pé. Dê-me a mão! Ei, como é o seu nome mesmo? Exclamou Lúcio todo animado com sua façanha e procurando conhecer melhor o seu amigo. Eles iniciaram uma amizade, mas não tinham se apresentado ainda!
- Meu nome? Bem... Meu nome é... Hummm... Saci.
- Saci? Saci do que? Perguntou Lúcio.
- Como Saci do que?
- Meu nome é Lúcio, mas meu sobrenome é Lúcio Ferreira. Esclareceu Lúcio.
- Ah, entendi! Meu nome é Saci-Pererê. Gostou?
- Gostei. Parece que eu já ouvi ou li o seu nome em algum lugar! Mas, o seu nome é muito comprido. Vou chamá-lo de Sá!
- Vamos, me dê a mão. Upa, lá vamos nós! Disse o agora Sá.

E os dois sumiram pela mata!

Dona Alzira procurou por Lúcio na cerca e ficou apavorada. Lúcio não estava mais lá e sua cadeira de rodas estava vazia. Ela gritava e corria por toda a cerca olhando em direção da mata.

- Lú, Lú! Onde você está? Lú, pelo amor de Deus, onde você está?

De volta à casa:

- Sandra, me ajude a procurar o Lú. Ele não está na cadeira de rodas e desapareceu!

Em seguida, ligou para o seu marido:

- Armando, venha para casa urgente. O Lú não está em sua cadeira de rodas e não sei onde ele está! Estou muito preocupada e aflita!
- Mas, Alzira, como isto foi acontecer?
- Não sei, querido. Mas, venha logo. De manhã ele disse que iria com o seu amiguinho imaginário andar pela mata, nadar nos rios e cachoeiras e andar a cavalo. Mas, não sei como ele desapareceu.

O Senhor Armando foi imediatamente para casa e acionou o Corpo de Bombeiros para ajudar na busca de Lúcio. Todos choravam e temiam pelo pior.

- Alô, é do Corpo de Bombeiros?
- Sim senhor!
- Preciso da ajuda de vocês para encontrar o meu filho que desapareceu!
- E como isto aconteceu?
- Não sabemos. Ele costumava ficar na cerca próxima da mata olhando os passarinhos e desapareceu!
- Vamos já para ir. Qual é o endereço?

Em poucos minutos um carro do Corpo de Bombeiros chegou na casa de campo de Lúcio e cinco soldados desceram todos equipados para a busca na mata.

Ao fazer uma vistoria no local, o bombeiro que comandava a ação de busca disse:

- Nossa! É muito estranho! A cadeira de rodas continua próxima da cerca e não tem pegadas, nem sinal de violência no local. Os arames da cerca estão intactos. Aqui dentro ninguém entraria com estes cachorros bravos que o senhor tem. Mas, vamos iniciar uma busca pela mata.

E o pai de Lúcio procurava acalmar dona Alzira, escondendo que ele mesmo estava muito preocupado:

- Não chore, Alzira. Tenho a certeza de que o Lú está bem, mantenha a calma.

- Querido, ele é um menino preso à sua cadeira de rodas! Como iria desaparecer assim? E como alguém teria coragem de fazer algum mal para ele?

- Calma, querida. Vamos confiar nos homens do Corpo de Bombeiros.

Alheios a toda esta movimentação, Lúcio e seu amigo Sá se divertiam na mata. Para Lúcio estava sendo uma experiência incrível.

- E aí, amigo. Está gostando do passeio? Perguntou o Saci-Pererê.

- Que legal, eu nunca tinha andado pela mata! Quantas árvores grandes e floridas! Como é gostosa esta água pura na fonte. E nadar nos rios e cachoeiras de águas claras e fresquinhas é muito gostoso! Nunca tinha visto tantos pássaros voando no céu! Respondeu Lúcio com uma alegria que ele nunca tinha experimentado na vida.

- E você ainda não viu o melhor! Espere para sentir a emoção de andar a cavalo! Completou o Saci-Pererê.

- Que legal. Mas, olhe, estou todo sujo e molhado. Minha mãe vai me dar um pito! Perguntou Lúcio preocupado.

- Pito ou cachimbo? Brincou o Sá, como Lúcio o chamava.

- Não, bronca mesmo. Mas, está tão bom aqui. Vamos andar a cavalo? Perguntou Lúcio ansioso por mais esta experiência.

- Vamos, mas primeiro tenho que laçar um. Uma das coisas que eu gosto de fazer é pegar cavalos dos outros! Vou voando a uma fazenda próxima e já volto. Espere um pouco sentado nesta pedra! Respondeu Sá.

Lúcio ficou esperando pelo seu amiguinho Sá e o cavalo. Ele estava muito contente e não via a hora de poder andar a cavalo. Ele esperava sentado na pedra, conforme o Sá havia recomendado e quase adormeceu. Afinal de contas, estava cansado de andar pela mata e nadar no rio.

Foi quando ele foi visto por um dos soldados do Corpo de Bombeiros e um dos bombeiros gritou:

- Olhem, lá no fundo mata, próximo daquela cachoeira! Não é um menino sentado?

- É, sim. Vamos lá. Pode ser o menino que estão procurando! Respondeu outro companheiro de busca.

Os soldados do Corpo de Bombeiros se aproximaram devagar, procurando não assustar o menino.

- Ei, menino. Qual o seu nome. O que está fazendo aqui?

- Meu nome é Lú. Eu estava andando pela mata, nadando nos rios e cachoeiras e estou esperando o meu amiguinho para andarmos a cavalo. E vocês quem são?

- Nós somos do Corpo de Bombeiros. Tudo bem! Fique calmo. Vamos levá-lo para os seus pais!

- Mas, eu não quero ir, não quero ir! Vou esperar o meu amiguinho. Quero andar a cavalo! Respondia Lúcio, chorando e se recusando a sair do local.

- Ele está com febre e delirando. Vamos levá-lo com urgência. Exclamou o bombeiro.

Dona Alzira e o senhor Armando choravam de alegria ao reverem Lúcio.

- Ah, graças a Deus! Obrigado a todos vocês pela ajuda. Sem vocês não teríamos encontrado o Lúcio. O que vocês acham que aconteceu? Como ele foi parar lá dentro da mata? Disse dona Alzira aos bombeiros, em prantos.

- Não sabemos, senhora. Mas, muito provavelmente, ele foi raptado por alguns bandidos. E, como tinha problema para andar, o abandonaram no mato. Mas, vamos avisar a polícia sobre isto. Respondeu o bombeiro.

O Senhor Armando providenciou urgente uma ambulância para Lúcio.

- Querida, a ambulância chegou. Vamos para o hospital!

A ambulância corria as ruas de São Paulo, abrindo espaço entre os carros com sua sirene ligada. Dona Alzira mostrava sua preocupação:

- Estamos chegando, Armando?

- Sim, o hospital é próximo daqui.
- Veja como o Lúcio está com febre! Mostrava para seu marido.
- Sá, Sá, onde está você. Cadê o cavalo? Quero andar de cavalo! Dizia Lúcio em delírio.
- Sá deve ser o amigo imaginário que ele criou! Eu nunca vi este amigo, nem a Sandra! Acho que está faltando imaginação de criança para nós duas! Explicou dona Alzira.
- Mas, de qualquer forma, parece que este amigo foi bom para o Lú. Pronto, chegamos! Concluiu o senhor Armando.

E foram imediatamente para o pronto socorro:

- Doutor, como está o Lúcio? Quis saber dona Alzira.
- Não foi nada grave. Ele está com muita febre, provavelmente pela friagem que tomou na mata. E está em um estado de ansiedade e excitação. Parece que ele passou por emoções muito fortes! Explicou o medico.
- Aqueles malditos bandidos! Disse dona Alzira com muita raiva.
- Calma, Alzira. Doutor, o que devemos fazer? Perguntou o senhor Armando.
- Daqui a pouco vamos liberar o Lúcio para ir para casa. Já demos medicação e ele deve repousar nos próximos dias. Nada de escola, nem passeios e nada de jogos no computador. Nada que possa deixá-lo ansioso. Deve ficar em casa descansando por três dias. Disse o médico, orientando os pais de Lúcio, que concordaram:
- Está bem, Doutor! Respondeu dona Alzira, sentindo-se mais aliviada.

Mais tranquilos e o Lúcio medicado, o casal tratava de voltar para a casa.

- Querida, o táxi chegou. Vamos para casa. O Lúcio parece que já está bem melhor. Mas, vamos seguir as orientações do médico à risca.
- Mãe, eu queria ir até a cerca ver o meu amigo Sá! Insistia Lúcio.

- Lú, de jeito nenhum! Nos próximos dias só cama e descanso. Depois falamos sobre isto! Você só volta para a cerca se eu conhecer este seu amigo Sá. Senão, não! Disse dona Alzira, impondo esta condição.

Alguns dias depois, Lúcio dava sinal de não aguentar mais ficar preso em casa. Ele queria voltar à sua vida normal, ir à escola, mexer no computador e rever o seu amiguinho Sá.

- Ah, já não aguento mais ficar em casa todos esses dias. Mãe, quanto falta para eu voltar para a escola e poder brincar no meu computador? Perguntou Lúcio, já sem paciência.

- Amanhã vamos ao médico. Se ele liberar, você volta à sua vida normal.

- Ah, que bom. Assim, posso ir brincar com o meu amigo Sá? Ele ficou de buscar o cavalo. Eu quero andar de cavalo! Respondeu Lúcio.

- Lú, já te disse. Você só volta para a cerca se estiver acompanhado e quando eu conhecer este seu amigo Sá. Senão, não! Respondeu dona Alzira, impondo sua disciplina.

E uma grande surpresa aguardava Dona Alzira naquela tarde. Sandra corria para chamar Dona Alzira:

- Dona Alzira, Dona Alzira!

- O que foi Sandra?

- Tem um menino no portão querendo entrar! Ele quer visitar o Lú!

- Mas, quem é? Quis saber dona Alzira.

- Não sei, Dona Alzira. Só sei que ele é menino estranho e está montado em um cavalo!

- Eu vou até o portão. Não abra o portão ainda! Orientou dona Alzira.

E dona Alzira, dirigindo ao misterioso amigo de Lúcio, disse:

- Pois não!

E o Saci-Pererê, se apresentou:

- Bom dia senhora. Meu nome é Sá. Sou amigo do Lú. Gostaria de fazer uma visita a ele. Na última vez que nos vimos nós andamos pela mata, nadamos nos rios e cachoeiras e eu fui buscar o cavalo. Quando voltei, ele não estava mais na pedra na beira do rio! Fiquei sabendo que ele ficou doente!

- Sim, o Lú ficou muito doente. Como foi que ele foi parar no meio da mata?

- Ah, nos abraçamos. Como eu só tenho uma perna e ele também, nós dois andamos um apoiando no outro. E, assim, fomos. A senhora me desculpe. Mas, ele estava tão feliz que não pude imaginar estar fazendo nada de errado!

- Está bem, entre! Mas, deixe o cavalo amarrado no portão. Ordenou dona Alzira.

Um pouco confusa, Dona Alzira procurou por Lúcio para avisar da chegada de seu amigo.

- Lú, tem visita para você. O seu amigo Sá está aí.

- O Sá? Vou correndo! Agora eu sei andar somente com uma perna!

E Lúcio estava feliz com a visita de seu amigo:

- Oi, Sá, que bom que você veio! Mas por que você está vestido como menino da cidade?

- Oi, Lú, fico feliz que você sarou! Eu me sentia um pouco culpado. Eu me vesti assim porque é assim que sua mãe me tem em sua imaginação. Eu não queria desapontá-la.

- Finalmente, vamos andar a cavalo! Upa cavalinho! Disse Lúcio empolgado.

Este foi um dia inesquecível para Lúcio. Agarrado ao seu amiguinho na garupa do cavalo, os dois saíram pelas estradas próximas da casa. O cavalo galopava majestosamente. Lúcio ria e gritava, sentindo o ar fresco em seu rosto. Em certos momentos, o cavalo parecia voar. Lúcio podia ver sua casa do alto!

Dona Alzira e Lúcio voltaram, alguns dias depois, para mais uma consulta com o Doutor Almeida.

- Doutor, foi assim que tudo aconteceu. O Lú saiu da cama andando com uma perna só! Os dois amiguinhos se abraçaram e saíram galopando em um cavalo pela estrada a fora. Depois, o seu amigo Sá sumiu e nunca mais voltou!

- Bem, mamãe. É uma história estranha. Mas, o bom é que agora podemos iniciar um tratamento de verdade com o Lú. Ele terá uma vida normal e será feliz!

Na volta para casa, Lúcio procurava saber como sua mãe se sentia.

- Mãe, a senhora está feliz?

- Não, meu filho. Agora a mamãe é feliz!

Lúcio recebeu uma prótese que substituiu a perna perdida no acidente. Era tão perfeita que parecia uma perna de verdade. Ela possibilitou-lhe que andasse normalmente, participasse de alguns jogos e brincadeiras na escola e, um dia, poderia até dirigir automóvel.

Certa noite, Lúcio pensava em seu amigo Sá e o nome Saci-Pererê veio à sua mente.

- Saci-Pererê... Saci-Pererê... Não é possível! Eu tinha a certeza de ter ouvido este nome antes! Meu Deus, como pode? Ele só existe na imaginação das crianças. Mas, no meu caso, eu o vi pessoalmente, falei com ele, brincamos juntos, ele me ensinou e me encorajou a andar!

Lúcio quis saber mais sobre este misterioso amiguinho que apareceu em sua vida em um momento tão delicado e o libertou da cadeira de rodas.

Ele se perguntava com frequência:

- Por que ele teria me escolhido? Isto realmente aconteceu? Mas, é claro que aconteceu! Minha mãe e a Sandra conversaram com ele e o viram pessoalmente. Mas, para onde ele foi?

Lúcio, por muitas vezes, ficava na cerca próxima da mata e chamava por Sá. Mas, desta vez, apenas alguns passarinhos respondiam com cantos diferentes aos seus assobios.

Lúcio procurou estudar tudo sobre este personagem do folclore brasileiro. E comentava sempre com sua mãe.

- Mãe, eu pesquisei tudo sobre o meu amigo Sá. Na verdade, mãe, ele é o famoso Saci-Pererê! Mas, não me pergunte como eu o vi e falei com ele pessoalmente! Isto eu não sei explicar!

- Não tem importância, meu filho. O importante é que ele apareceu em sua vida para ajudá-lo. Se nós o vimos de verdade ou foi fruto de nossa imaginação, isto já não tem mais importância. O importante é que você agora é um menino feliz. Isto é que importa para a mamãe.

- Mãe, você sabia que existe um dia, no Brasil, dedicado à comemoração do Saci-Pererê? É o dia 31 de outubro! E o Saci você sabe quem é? Onde ele surgiu? Veja o que eu descobri sobre o Sá, quero dizer, sobre o Saci-Pererê:

“O Saci-Pererê é um personagem brasileiro mitológico, que mora na imaginação das pessoas. Até hoje, as pessoas mais velhas contam histórias do Saci-Pererê às crianças, principalmente, nas noites claras de luar. Ele é representado atualmente pela figura de um menino negro de uma só perna que possui um gorro vermelho na cabeça e traz sempre um cachimbo na boca. Ele se diverte atormentando a vida das pessoas. Ele vive nas matas e é muito misterioso. O corpo dele não tem pelos e ele não possui nem pipi e nem bumbum! E, imagine só! Ele tem somente três dedos em cada mão e suas mãos são furadas. Ele adora ficar invisível e assobiar. Ele fuma um pito e solta fumaça pelos olhos! E ele faz cada coisa que parece mágico. Ele consegue girar em torno de si feito um pião e fazer redemoinhos. Ele adora fazer travessuras. Quando ele está de bom humor, ele ajuda a encontrar coisas perdidas na mata. Mas, se ficar zangado, pode até ser tornar malvado e perigoso. Ele gosta, também, de encantar as crianças e fazê-las se perder na mata. Dizem que ele assusta os animais, esconde objetos, derruba e quebra as coisas”.

- Viu mãe? Agora eu tenho a certeza de que vi o Saci-Pererê pessoalmente! Era exatamente assim que ele era. Só que comigo ele foi muito bom!

- Sem dúvida, meu filho. O Saci-Pererê foi um duende enviado pelo seu Anjo da Guarda! Concordou dona Alzira.

Muitos anos se passaram. Lúcio cresceu, dona Alzira e seu marido Armando envelheceram.

De vez em quando, Dona Alzira conversava com o Senhor Armando sobre todos estes fatos. E se lembrava de como Lúcio foi encontrar o caminho para resolver o seu bloqueio mental em uma figura que estava esquecida e tão importante da lenda brasileira. Em uma destas ocasiões, ela disse:

- Meu velho, como o tempo passou. O Lúcio hoje é um grande médico ortopedista. Deu tudo certo, não? Quando nós sofremos! Algumas vezes chegamos até próximos de perder as esperanças. Mas, agora está tudo bem!

- Sim, Alzira. Ele está fazendo um excelente trabalho de recuperação de crianças portadoras de necessidades especiais em vários centros de reabilitação. Ele faz isto com muito amor e dedicação.

Em seu consultório médico, na sala de espera, o agora Doutor Lúcio mantinha um quadro com uma linda figura do Saci-Pererê que ornamentava a parede. E todos procuravam saber quem era aquele estranho personagem! O Doutor Lúcio, em uma manhã, atendia mais uma das crianças que eram suas pacientes.

- Doutor Lúcio, o senhor acredita em Saci-Pererê? Disse Pedrinho, um menino com o mesmo problema que Lúcio tinha quando criança.

- Pedrinho, por que você está me fazendo esta pergunta?

- É que esta noite eu sonhei com um menino estranho, vestindo um capuz vermelho. Ele fumava um cachimbo, soltava fumaça pelos olhos, tinha somente três dedos em cada mão e as mãos eram furadas. Ele me acordava e me chamava para andar na mata, nadar nos rios e cachoeiras e galopar no cavalo.

- Ah, isto é bom. E você não vai? Perguntou o Doutor Lúcio ao seu pequeno paciente.

- Como posso ir preso a esta cadeira de rodas? E eu só tenho uma perna!

- Olha, Pedrinho, se eu conheço bem este menino travesso, eu acho que ele vai te convencer a tentar! Agora, deixe-me examinar esta sua perninha. Ela está ficando cada vez mais forte. Só precisamos que você se esforce mais para ficar em pé. Mas, agora acredito que algo mágico vai acontecer em sua vida...

FIM